
- **A TEORIA DAS OPERAÇÕES ENUNCIATIVAS E O ENSINO DE LÍNGUAS**

Coordenador(a): *Letícia Marcondes Rezende*

Os trabalhos apresentados neste simpósio têm como ponto de partida a Teoria das Operações Enunciativas de A. Culioli. Essa teoria possui uma base genética, isto é, procura fundamentos de natureza inata e operatória presentes nas organizações das línguas (textos orais e escritos). Esses fundamentos só se explicitam quando articulados com o empírico (experiências singulares). Essa reflexão oferece caminhos profícuos para que a mediação com as questões de ensino seja feita, sobretudo, em razão do seu objetivo que é a articulação da linguagem com as línguas.

As comunicações abaixo tentam o trabalho de mediação e se apresentam como desenvolvimento de alguns pontos centrais:

1. A teoria acima mencionada é uma teoria da prática. Ela visa a processos de apropriação. Desse modo: a) os processos educacionais ou de formação são questões de princípio na teoria; b) a formação não se resume a obter conhecimentos objetivos de um domínio (por exemplo, a lingüística). Ela é o aprendizado que o sujeito-pesquisador precisa fazer para se

apropriar das operações formais e generalizáveis e cuja apropriação só acontece na manipulação de sua própria experiência lingüística; c) o dado lingüístico resulta da interação entre sujeito e objeto.

2. A articulação do léxico com a gramática. Tal articulação recobre as operações formais de natureza quantitativa e qualitativa que sustentam a organização do empírico e a construção da representação em língua e tecem um jogo transcategorial entre aspecto, modalidade, voz, e determinação.

3. A variação radical: experiencial e lingüística. A variação leva a uma ambigüidade constitutiva no processo de produção e reconhecimento de textos. Como consequência, pode-se definir a linguagem como um trabalho epilingüístico (atividade mental inconsciente) de elaboração de paráfrases e desambigüização.

CLASSIFICAR NÃO É EXPLICAR: A ABORDAGEM GRAMATICAL ACERCA DAS CONJUNÇÕES

Ana Cristina Salviato-Silva (UNESP)

Os livros didáticos e as gramáticas tradicionais restringem o papel das conjunções à função de ligar orações. Diante deste quadro, como exigir do aluno uma identificação perfeita dos elementos gramaticais em um exercício tradicional de análise sintática? Como fazê-lo compreender que a gramática não é imutável, mas passa por constantes processos? A proposta deste estudo é analisar as conjunções numa perspectiva dinâmica, considerando a existência de noções, as quais por meio de relações e operações podem dar origem tanto ao léxico quanto à gramática. Acreditamos que os alunos, como falantes natos da língua, intuem a existência de uma característica mais profunda destas marcas (conhecimento epilingüístico), mas não são preparados para manipulá-la. Em consequência, dá-se a confusão no momento em que lhes é exigida a tarefa de classificar em categorias os elementos lingüísticos apresentados pela gramática. Fundamentados na Teoria das operações enunciativas, de Antoine Culioli, demonstraremos que a separação gramatical em categorias distintas está sujeita a falhas e que a compreensão das características mais profundas das conjunções viabilizará o seu emprego correto, bem como poderá construir um fundamento para a apreensão de outros elementos lingüísticos.

CORREÇÃO OU ATIVIDADE PARAFRÁSTICA?

Maria Isabel de Moura Brito (UFSCar)

Minha comunicação diz respeito ao estudo que desenvolvi no doutorado a cerca da correção do professor realizada no texto do aluno. Para escapar do forte vínculo que essa prática pedagógica mantém com o normativismo lingüístico é preciso ampliar o conceito de correção. Tendo por base a Teoria das Operações Enunciativas de A. Culioli, proponho que a correção do professor do tipo sobreposta à expressão do aluno caracteriza uma atividade parafrástica, uma vez que esses enunciados (expressão do aluno e expressão do professor) são gerados de um mesmo esquema inicial que serve de enunciado primário sobre o qual se pode derivar uma família de paráfrases. O professor recupera por meio das marcas léxico-gramaticais presentes (ou suprimidas) na expressão do aluno o esquema de partida (lexis) e investe sobre o material lingüístico de modo a reconstruir as operações enunciativas em vista do contexto e da situação específica. A identificação entre correção e parafrase reside no fato de ambas consistirem em uma atividade da linguagem caracteristicamente metalingüística, ou seja, a possibilidade da linguagem funcionar reflexivamente, de falar dos próprios signos da língua de modo autônomo e não-arbitrário, visto que não se trata da utilização de uma metalinguagem específica como, por exemplo, a terminologia gramatical, mas de uma reflexão espontânea. É possível abordar a correção dessa perspectiva porque ela é acima de tudo não-preconceituosa. Para Culioli o processo de reconhe-

cimento e produção de formas não oferece nenhuma garantia de que as formas reconhecidas arranjam-se conforme as precedentes, tampouco preconiza a inexistência de mal-entendidos. Nessa atividade o que se tem sempre é uma regulação possibilitada pelos mecanismos que envolvem a linguagem em sua relação com as línguas.

DIVERSIDADE EXPERIENCIAL E LINGÜÍSTICA E O TRABALHO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

Letícia Marcondes Rezende (UNESP)

Este texto estabelece como ponto fundamental do ensino de Português, língua materna, a variação experiencial e lingüística. Propõe uma articulação de processos formais invariantes e o empírico. Oferece no final exemplos com as orações relativas.

ESTUDO SEMÂNTICO DO PRETÉRITO PERFEITO

Márcia Cristina Romero Lopes

Esta comunicação é um estudo do morfema flexional do pretérito perfeito, tomando por base o tratamento conferido à variação semântica pela Teoria das Operações Enunciativas. Fundamentado no princípio para o qual a variação é constitutiva da própria identidade da unidade lingüística (domínio gramatical, lexical ou discursivo) propomos uma caracterização dinâmica do pretérito perfeito, fruto da relação que os verbos flexionados mantêm com seu contexto de inserção. Defendemos a importância dessa reflexão para o ensino do português, língua materna. No lugar de definições gramaticais inflexíveis e de propostas de unidades lingüísticas dotadas de conteúdo inerente, mostraremos a variação do morfema em contextos diversificados e o trabalho de linguagem que sustenta a influência recíproca da unidade de seu contexto.

LINGÜÍSTICA DE CÓRPUS, TRADUÇÃO E ENUNCIÇÃO: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR DO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Adriana Zavaaglia (USP)

Este trabalho tem como escopo apresentar uma abordagem interdisciplinar do ensino de línguas estrangeiras pela Teoria das Operações Enunciativas de Antoine Culioli (2000) e pela lingüística de corpus. Após uma breve introdução sobre as diferentes metodologias de ensino de línguas estrangeiras que se sucederam ao longo da história, chamaremos a atenção para a postura didático-textual eclética que vigora atualmente nesse universo. Em seguida, propomos uma metodologia de descoberta a ser aplicada em sala de aula ilustrada pela análise da unidade léxico-gramatical como. Tal metodologia obedece aos seguintes passos: a) concordância de como no corpus de estudo (WordsmithTools); b) alinhamento de como e suas traduções (português-francês); c) construção de hipóteses sobre as ocorrências em português (agrupamento dos enunciados que apresentam um mesmo funcionamento de como seguido de definição); d) construção de hipóteses sobre as ocorrências em português e suas traduções (observação das traduções de como seguida da elaboração de uma relação entre as ocorrências alinhadas). Esse trabalho de descoberta realizado pelo aprendiz com a orientação do professor desperta no aprendiz de língua estrangeira uma consciência metalingüística que o auxilia em seu aprendizado, reforçando, ao mesmo tempo, o diálogo entre a sua língua materna e a língua estrangeira que aprende.

OS MECANISMOS ENUNCIATIVOS NA DISSERTAÇÃO

Marília Blundi Onofre (UFSCAR)

Focalizando a articulação entre léxico e gramática, tal como propõe a Teoria das Operações Enunciativas de Antoine Culioli, apresentamos um estudo dos mecanismos enunciativos pre-

sententes em ocorrências típicas de textos dissertativos, tendo em vista, por um lado, elucidar tais mecanismos, e, por outro, propor que os processos lingüísticos responsáveis por gerar essas construções textuais, então deflagrados, sejam explorados no ensino-aprendizagem de língua. Segundo a Teoria das Operações Enunciativas, o processo dialógico é moldado por operações de ordem discursiva, identificadas por Culioli como operações de representação mental, referenciação e regulação, que dizem respeito às relações físico-culturais, psicológicas e psicossociológicas que sustentam a construção de significação. Assim, considerando essa reflexão, a nossa proposta de trabalhar a produção/interpretação de texto implica, necessariamente, recuperar essas operações. É sob essa ótica que pretendemos abordar o ensino/aprendizagem de língua, propondo a articulação entre gramática e produção/interpretação de texto.